

# CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLIV • 2005

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LOPES, VIRGÍLIO, *Mértola na Antiguidade tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do Cristianismo*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2004.

Nas suas *Antiguidades de Mértola*, Estácio da Veiga destacou nos finais do séc. XIX as antiguidades romanas, cristãs e islâmicas. Temos agora nas mãos um novo livro cuja importância é manifesta para o conhecimento das Antiguidades Cristãs, no contexto da Antiguidade Tardia.

As manifestações artísticas do Paleocristianismo em Mértola atingiram, podemos dizê-lo, após as recentes descobertas dos mosaicos bizantinos, o mesmo nível que em outros pontos do Império do século de Justiniano e seus imediatos sucessores, na transição do século VI para o século VII. Isto está de acordo com a revitalização da via fluvial do Guadiana como percurso privilegiado de quem vinha ou demandava o Mediterrâneo, primeiro no período das invasões suévicas e vândlicas (século V) e depois nas lutas entre visigodos e bizantinos (sécs. VI/VII). Na época tardo-romana e no período da instabilidade trazida pelos Vândalos e Suevos, Mértola é um dos portos principais que serve *Pax Iulia*, *Ebora* e *Emerita Augusta*. Os casos do embaixador ravenático *Censorius*, que ao regressar a Mértola se rendeu aos Suevos e o da subida do Guadiana pelos Vândalos de Geiseric para os atacar, acção de que resultou o afogamento neste rio do chefe suevo Heremigário (ano de 429), testemunham a importância de Mértola e do seu porto nesta época.

No período visigodo tudo leva a crer que Mírtis é mais um dos portos e fortificações bizantinas que garantem a ocupação costeira do Sul da Hispânia na guerrilha que, ao longo de setenta anos, existiu entre o reino de Toledo e a *manus romana* de Constantinopla, para utilizarmos a expressão de Isidoro de Sevilha. Esta guerrilha foi desgastante e sangrenta, como nos damos conta através da leitura de cartas trocadas no princípio do século VII entre o rei visigodo Sisebuto e o patrício Cesário, comandante das tropas invasoras. São os ataques dos Persas às fronteiras orientais do império bizantino que levam o imperador Heráclio a não apoiar devidamente as suas tropas na Península Ibérica e que permitem ao antigo chefe militar visigodo e novo rei Suintila, e aqui citamos Isidoro de Sevilha, *travado o combate, conquistar as restantes cidades que a mão bizantina comandava e alcançar uma engrandecida vitória perante todos os outros reis... Ele foi o primeiro, na monarquia visigoda, a exercer o domínio de toda a Hispânia até às ondas do mar Oceano, o que ninguém antes conseguiu.*

A arqueologia vai mostrando progressivamente esta realidade da ocupação bizantina também no Sul de Portugal e não apenas no Sudeste Peninsular. Em Mértola, as recentes descobertas, designadamente de mosaicos, mostram, se não a ocupação, pelo menos o trato muito próximo entre as populações cristianizadas locais e artistas bizantinos, sem dúvida trazidos pelos ocupantes. A *ecclesia* cruciforme no Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), junto ao Guadiana, prova-o também, designadamente através da tipologia dos seus mosaicos.

É também de citar o estudo esclarecedor de Paul Goubert, que provou que os

bispos de Ossónoba estiveram ausentes dos Concílios nacionais de Toledo durante cinquenta e seis anos, o que indicia a sua dependência, durante esse tempo, da administração bizantina. Todavia, o que em Mértola mais nos fala desta ocupação é a Torre do Rio, bem como a ponte que lhe dá acesso. Quem vê a sua tipologia construtiva e a compara com torres idênticas da época justiniânica nas costas do Adriático e do Egeu, seja na planta, seja no tipo de reutilização de materiais, vê ali, sem dúvida, uma fortificação típica bizantina para fechamento e controlo do porto.

Ao fazer este breve discurso histórico-arqueológico-artístico, é minha intenção destacar a importância do livro agora aqui apresentado, das novidades que traz, das interrogações que levanta sobre as formas e os conteúdos desta última Antiguidade Tardia em Mértola. Depois de uma época de convulsões políticas, sociais e religiosas, em que o arianismo dos Bárbaros invasores se opõe ao catolicismo dos hispano-romanos e dos bizantinos, em que a fuga e o exílio foram muitas vezes a solução procurada, surge um tempo novo de paz e de enriquecimento que permite também o enriquecimento artístico. A ocupação bizantina não teve apenas o seu lado negativo. Provocou a emulação por parte dos visigodos perante a riqueza cultural e artística de Bizâncio, herdeira directa das tradições romanas. Há, assim, na espiral criada pelo devir histórico, o reconhecimento da força das continuidades e a abertura à inovação.

O livro de Virgílio Lopes, numa primeira versão constituindo a sua Dissertação de Mestrado em História da Arte da Antiguidade apresentada e aprovada na Universidade Nova de Lisboa, inicia-se com uma referência aos dados conhecidos sobre Mértola pré-romana e romana. Desenvolve a parte respeitante à Antiguidade Tardia, numa trajectória que tem o seu ponto de partida nos já conhecidos testemunhos paleocristãos de Mértola e seu território, com destaque para a Basílica do Rossio do Carmo, as necrópoles e o *corpus* local de lápides paleocristãs, o até hoje mais importante, mais numeroso e mais significativo encontrado no território português, seja no que respeita à epigrafia, seja no que respeita à decoração, como aliás bem se demonstra na obra também já publicada pelo Campo Arqueológico de Mértola, C. Torres *et alii*, *Museu de Mértola, Basílica Paleocristã*, Mértola, 1993.

Como ponto de chegada, o livro de Virgílio Lopes apresenta-nos impressionantes descobertas de recentes escavações arqueológicas nesta cidade *emporium* do Guadiana: um grandioso edifício cristão ainda em fase de leitura, um baptistério octogonal dos sécs. VI-VII e significativos painéis de mosaicos que ainda revestem os seus pavimentos, nos quais ressalta a representação de animais em contexto de cenas de caça e uma representação do mito de Belerofonte vencendo a Quimera em claro ambiente cristão. Descobertas que consagram ainda mais Mértola no roteiro obrigatório do estudo da Antiguidade Tardia e dão a este livro uma importância única no caminho do seu entendimento e compreensão.

M. Justino Maciel